



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Emoções em continuidade no ser humano e nos animais:

como saber o que eles sentem?

Sandro Caramaschi

Como citar: CARAMASCHI, S. Emoções em continuidade no ser humano e nos animais: como saber o que eles sentem? *In:* ALVES, M. A. (org.). **Cognição, emoções e ação.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 247-260.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p247-260>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

EMOÇÕES EM CONTINUIDADE NO SER HUMANO E NOS ANIMAIS: COMO SABER O QUE ELES SENTEM?

Sandro Caramaschi

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp
sandro.caramaschi@unesp.br

INTRODUÇÃO

O propósito deste ensaio não é realizar uma revisão sistemática do conceito de emoções e sentimentos, uma discussão que perpassa a psicologia desde seu reconhecimento como área de conhecimento científico. Vários pesquisadores já se envolveram em tal tarefa investigando conceitualmente e experimentalmente as diversas dimensões associadas a suas manifestações tais com estímulos desencadeadores, hormônios, neurotransmissores, envolvimento cognitivo, aprendizagem e, mais recentemente, embasamento neurológico. O objetivo básico deste trabalho será lançar alguma luz acerca das evidências e dificuldades em se estudar os aspectos emocionais e motivacionais dos animais, propondo muito mais a discussão adaptativa e metodológica sobre como investigar aspectos afetivos dos animais, do que explorar a dimensão conceitual das emoções.

Para tanto nos propomos a ilustrar as diversas formas de interação homem/animal, passando pelas expectativas e dificuldades de se entender o mundo subjetivo dos animais, fazendo-se um contraponto, na medida do possível, com os aspectos relacionados aos seres humanos. A seguir exploraremos algumas das possibilidades de abordar essa problemática com exemplos ilustrativos acerca das possibilidades e restrições sobre a investigação das emoções nos animais e mesmo nos seres humanos, constituindo-se uma *continuidade* adaptativa.

1 PANORAMA GERAL DAS EMOÇÕES NOS ANIMAIS HUMANOS E NÃO HUMANOS

A questão relacionada à semelhança entre os animais e humanos vem de longa data. Desde o Egito antigo, o qual apresentava uma rica <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-019-1.p247-260>

mitologia de seres meio homem meio animal, as características de um e de outro se amalgamavam produzindo divindades a serem admiradas e por vezes temidas. Atitude religiosa similar se verifica na cultura indiana. Nesta cultura, muitas divindades são representadas por animais, acreditando-se, inclusive, na possibilidade de reencarnação de seres humanos em forma animal.

A convivência dos seres humanos com animais é extensa, inicialmente destinados à caça, depois à domesticação - envolvendo trabalho e alimentação - e mais recentemente como animais de estimação, os quais desempenham papéis semelhantes a membros da família, têm representado uma interação profícua. É comum pessoas manter alguma convivência com animais, seja em fazenda, em laboratório ou mesmo com pets, perguntarem-se a respeito de como será o mundo (interno e externo) percebido por esses seres.

Darwin (1982, p. 99) já apontava seu interesse pelos aspectos emocionais na sua obra “A Origem do Homem e a Seleção Sexual” na qual escreve com certa paixão:

Creio ter demonstrado que o homem e os animais superiores, especialmente os primatas, possuem alguns instintos em comum. Todos possuem os mesmos sentidos, as mesmas intuições, e as sensações, as mesmas paixões, afeições e emoções, ainda que as mais complexas como sejam a inveja, a suspeita, a emulação, a gratidão e a magnanimidade: praticam o engodo e são vingativos; às vezes se sujeitam ao ridículo e possuem também o senso do humorismo; sentem admiração e curiosidade; possuem as mesmas faculdades de imitação, atenção, deliberação, escolha, memória, imaginação, associação de ideias e raciocínio, embora em níveis muito diversos.

A partir da publicação da *Expressão das Emoções no Homem e nos animais* efetivou-se um grande avanço para as pesquisas científica e filosófica a respeito das similaridades entre animais e humanos. Nessa obra, Charles Darwin se propôs a escrever a numerosos colaboradores espalhados ao redor do mundo, os quais foram instados a relatar suas experiências sobre as emoções nos animais e humanos. Os relatos foram muitos e tal coleta de informações (talvez o primeiro estudo sério envolvendo colabo-

ração internacional) possibilitou o primeiro passo significativo no caminho do estudo científico das emoções animais (DARWIN, 1981).

Segundo Otta (2015), desde Freud se tem incrementado o reconhecimento de que os animais podem apresentar sentimentos elaborados mesmo sem um enorme arcabouço neurológico inconsciente. Entretanto, cultural e cientificamente, tem-se criteriosamente negado, ignorado ou minimizado a provável existência de estados afetivos principalmente em outros mamíferos, quando tantas evidências sugerem que eles têm tais experiências. Considerando-se a imensa quantidade de informações sobre movimentos corporais expressivos, preferências espaciais e medidas vocais, poder-se-ia pensar em uma hipótese científica capaz de generalizar predições testáveis de que ao menos mamíferos possuam afetividade semelhante a nós próprios.

Saber o que sentem os animais não é tarefa fácil. De fato, saber algo sobre as próprias emoções humanas já envolveu o esforço exaustivo no campo experimental e epistemológico de muitos pesquisadores ao longo da história da Psicologia e da Filosofia. Considerando-se que a experiência afetiva é privada, é fácil dizer-se que jamais poderemos ter certeza de que animais têm emoções e declarar como caso encerrado. Ryder (1989, 2004) atribui tal atitude conceitual ao que ele chama de *especismo*, termo cunhado por ele no sentido de se referir à discriminação comumente praticada pelo homem contra outras espécies, ignorando ou subestimando as similaridades entre ambos.

Otta (2015) interpreta tal dificuldade como resultado da superespecialização das áreas relacionadas à investigação dos comportamentos. A perspectiva etológica mais próxima do pensamento naturalista e abrangente de Lorenz e Tinbergen deu lugar a diversas vertentes teóricas que emergiram nas últimas décadas, como ecologia comportamental, genética comportamental, neuroetologia, cognição animal, etologia aplicada, etologia humana e psicologia evolucionista. Resultados factuais foram atingidos por tais especialistas. Entretanto, aparentemente, houve uma redução da comunicação entre as áreas, restringindo muitas vezes a natureza abrangente dos aspectos relativos a emoções, estados de ânimo e sentimentos.

As definições acerca de emoções e sentimentos são abrangentes e sobre as quais não existe consenso, como não é o escopo deste capítulo

enveredar pelos aspectos conceituais destes termos vamos nos ater aos elementos adaptativos e metodológicos. Para maior aprofundamento, recomendamos a leitura de Hoshino (2007) e de Waal (2011).

Hoshino (2007) apresenta uma revisão sistemática sobre a natureza das emoções, revisitando diversos teóricos que se debruçaram sobre o assunto, levando em consideração até que ponto estudos comportamentais emocionais nos permitem, de fato, conhecer as emoções. A partir das evidências e conceitos apresentados, o autor discute as diversas definições já sugeridas e suas decorrências, propondo uma ampliação conceitual do termo emoção, numa perspectiva mais abrangente, envolvendo filogenia, ontogenia, desencadeadores e função adaptativa, subsidiando sua argumentação em abundantes evidências neurocientíficas.

Para Hoshino (2007, p. 217) “[...] a combinação de poucas emoções denominadas primárias ou básicas, em número e proporções diferentes, daria origem às emoções categorizadas como sentimentos.”. Ao que tudo indica, os sentimentos apresentam basicamente a mesma função das emoções. Segundo o autor, sentimentos como receio ou saudade envolvem uma dimensão cognitiva relacionada a experiências de aprendizagem e memória capazes de resgatar elementos carregados afetivamente que podem reproduzir uma dada emoção. Nessa perspectiva, o receio poderia ser caracterizado pelo aumento da atenção aos estímulos frente a uma situação diferenciada, seguido de uma avaliação cognitiva de riscos (dor, morte) e a possibilidade de alguma vantagem individual (prazer, sobrevivência). Dessa forma, podemos considerar o receio como sentimento altamente adaptativo que dá eficácia ao comportamento.

A partir dessa perspectiva, podemos facilmente verificar algumas reações afetivas básicas entre humanos e nos animais, tais como alegria, medo, tristeza, raiva e nojo, conforme Ekman (2016). Entretanto, existiriam também sentimentos de ciúme, receio, saudade como propunha Darwin? Estudos detalhados acerca do comportamento animal permitem afirmar que existem manifestações compatíveis com tais estados afetivos em chimpanzés (GOODAL, 1990), elefantes (MOSS, 2000), canídeos (BEKOFF, 2007) e muitos outros que poderiam ser apontados, como buscamos mostrar a seguir.

2 ENTENDENDO O MUNDO DOS ANIMAIS NÃO HUMANOS

Podemos imaginar que o estudo das emoções animais se configura como a situação de um viajante acidental (talvez um náufrago) em uma terra desconhecida povoada por pessoas falantes de um idioma totalmente novo a ele. Como conhecer um idioma sem uso de dicionário, intérprete ou alguém que se disponha a ensinar? Naturalmente, o primeiro impulso será o de usar o código universal dos gestos e da pantomima, representando os comportamentos básicos por sua simulação. Talvez isso seja suficiente para garantir que pelo menos o nosso viajante não morra de fome nos seus primeiros dias de aventura. Mas isso não será suficiente por muito tempo. Afinal de contas, apreender o idioma local é fundamental para interações sociais mais satisfatórias. O caminho, nesse caso, é o de prestar atenção às palavras e no contexto em que são empregadas, para que, dessa forma, o idioma local possa ser absorvido, com um método semelhante ao usado por crianças pequenas, com muitos erros naturalmente, os quais serão devidamente corrigidos pelo grupo de nativos.

No tocante à compreensão das emoções nos animais pesquisadores enfrentam problema semelhante ao do viajante da situação acima ilustrada: precisam aprender um idioma novo sem dicionário. A saída, como a do viajante, será a de comparar determinados comportamentos com o contexto no qual são apresentados, depreendendo, dessa forma, seus significados. Sempre que se aprende uma língua desconhecida, um grande empecilho para os estudantes são os falsos cognatos, palavras semelhantes que têm significados totalmente diferentes. No estudo das emoções algo semelhante acontece nessa vertente de investigação naturalística. Com frequência, um pesquisador pode ser enganado pela semelhança superficial e anatômica de algumas manifestações com comportamentos humanos, produzindo muitas vezes julgamentos equivocados.

Uma das primeiras preocupações dos etólogos e outros pesquisadores do comportamento animal é evitar o antropomorfismo – atribuir características humanas aos animais. Mas um problema adicional se apresenta; se já é tão difícil saber o que humanos sentem a partir de seus relatos, como saber o que os animais sentem se nem ao menos podemos contar com relatos de impressões?

Ades (1997) apresenta uma ampla discussão a respeito do que ele chama de *intuição antropomórfica*, um procedimento no qual, considerando-se as limitações de acesso ao universo interno dos animais, poderíamos, por um caminho alternativo, estabelecer uma analogia com o ser humano, inferindo o que sente ou pensa o animal partindo de aspectos de seu comportamento ou fisiologia semelhantes aos do homem.

Otta (2015) argumenta que talvez esteja no momento de utilizarmos o que ela chama de *antropomorfismo válido*. Nele prevalecem o bom senso e a lógica, na perspectiva de se retomar o conceito de motivação, embasado em princípios das neurociências, estabelecidos por Panksepp e Biven (2012).

O professor César Ades, grande pesquisador do comportamento animal, sempre externalizava sua preocupação em acessar o mundo interno dos animais. Em suas pesquisas acerca da memória das aranhas, fez um experimento significativo. Uma mosca colocada na teia de uma *Argiope argentata* fazia com que a aranha imediatamente a capturasse, enrolando-a em fios de seda na forma de um pacote, o qual, a seguir, era recortado e carregado ao centro da teia. Uma segunda mosca colocada na teia produzia uma sequência comportamental semelhante. Entretanto, a aranha não carregava sua segunda presa ao centro da teia, armazenando-a no local de captura. De certa forma, a aranha se lembrava da mosca já armazenada anteriormente. Em algumas situações em que a aranha estava envolvida na tarefa de capturar a segunda mosca, o professor César, utilizando-se de uma tesoura pequena, retirava a primeira mosca guardada no centro da teia, o que se via então é que a aranha, ao voltar ao centro, tateava a teia à procura da mosca já armazenada. O que sentiria essa aranha? Estaria frustrada pelo sumiço de sua presa? Estaria penalizada pela perda de uma refeição praticamente garantida? O professor César dizia que essa experiência o aproximava mais do mundo interno das aranhas. Provavelmente nunca poderemos saber com certeza, entretanto podemos conjecturar sobre tais sensações e emoções (ADES, 1991).

O professor Walter Hugo Cunha, precursor da Etologia no Brasil e orientador de César Ades, empreendeu estudos no sentido de entender o mundo psicológico das formigas; dizia que, ao pararmos para olhar uma carreira de formigas, a primeira impressão é de uma simples procissão ordenada de insetos que vêm e que vão num sentido e outro. Mas se parar-

mos pelo menos cinco minutos observando a carreira, perceberemos uma enormidade de comportamentos motores, encontros e interações comunicativas, para dar alguns exemplos. Dentre tais comportamentos, alguns deles podem nos dar indicações de alterações emocionais, refletindo de certa forma o mundo psicológico das formigas (CUNHA, 1980). Num de seus inúmeros experimentos, ele esmagava uma formiga da trilha; a comoção ao redor do “cadáver” era notável, com formigas em alerta levantando as cabeças, outras andando aleatoriamente em redor da formiga morta (CUNHA, 2004). Aos poucos, algumas formigas se prontificavam a retirar o corpo do caminho transportando-a para o formigueiro e as outras passavam a retomar sua rotina de andar em linha. Isso é o que se pode observar, mas o que de fato ocorre no interior desses pequenos insetos? Será pânico? Medo da morte? Ansiedade produzida pela desorientação? Cabe lembrar que tais experimentos foram feitos na década 1970, dessa forma não foi avaliado por nenhum Comitê de Ética. Atualmente vêm sendo realizadas discussões e decisões sobre os aspectos morais de experimentos envolvendo animais em geral.

A pesquisa do professor Walter Cunha foi rejeitada por uma revista conceituada na área de comportamento animal. Os especialistas diziam simplesmente que se tratava de uma resposta involuntária produzida pela ação de feromônios, liberados a partir do esmagamento de uma formiga. Dizer isso, porém, é apenas uma parte da história. Sabe-se que também emoções humanas são desencadeadas por estímulos externos ou internos e mediados por hormônios e neurotransmissores. Entretanto, ninguém pode dizer que a experiência emocional se reduz à simples reação fisiológica, mas sim algo mediado por experiências anteriores, diferenças individuais e processamento mental.

Se a discussão das emoções em insetos e aranhas já proporciona tal riqueza de questionamentos, imagine-se o que se pode discutir no âmbito do comportamento de animais mais complexos como mamíferos. Abro o jornal de domingo e uma das matérias colocadas em destaque é “seu *pet* é feliz?”. Num momento em que se discute a questão da felicidade existencial e direitos humanos como elementos importantes do nosso nível de civilização, a questão se estende para nossos animais domésticos. Fala-se em abate humanitário, conforto e enriquecimento ambiental.

Entretanto a resistência dos pesquisadores em adotar uma terminologia “antropomórfica” é enorme. De Waal (2011) fala sobre a dificuldade de apresentar seus resultados em revistas científicas acerca de beijos de reconciliação nos chimpanzés após uma briga. Ele foi instado a usar os termos “reuniões pós-conflito com contato boca a boca”. O autor diz que depois de três décadas de observações sistemáticas, a primatologia finalmente aceitou o termo “reconciliação”.

Ades (1997, p. 133) argumenta acerca da forma como concebemos os aspectos relacionados à consciência acerca dos estados afetivos nos animais:

Mostro também a limitação da consciência humana enquanto degrau analógico e dos critérios comportamentais de consciência. O valor da analogia dependerá da proximidade do animal ao ser humano, parece mais plausível falar-se em medo, ciúme, raiva ou curiosidade no caso de um chimpanzé do que no de um caranguejo. Se a analogia ajuda numa primeira abordagem e desempenha um papel heurístico, ela passa ao largo da consciência enquanto experiência subjetiva.

A primeira questão a ser considerada em termos do mundo subjetivo dos animais não humanos é a forma pela qual esses organismos apresentam consciência de si mesmos e do seu estado de satisfação. Desde os estudos de Gallup (1982), a questão da consciência em primatas pode ser considerada objetivamente. Este pesquisador desenvolveu uma série de experimentos no sentido de investigar aspectos mais profundos da psique animal como consciência, por exemplo; no estudo mais emblemático, foram colocados espelhos nos recintos de chimpanzés. Uma observação preliminar detalhada indicava que os macacos aparentemente se observavam com olhares indicativos de reconhecimento. Mas, para que não prevalecesse tão somente a opinião dos pesquisadores, alguns chimpanzés foram sedados e, enquanto dormiam, receberam marcas de tinta no dorso e na sobrancelha. Passado o efeito do sonífero verificou-se a reação dos primatas frente ao espelho e, para satisfação dos pesquisadores, os animais reagiram como se entendessem que a imagem vista no espelho era na verdade um reflexo de si mesmos, o que era evidenciado quando os macacos procuravam e tocavam seus corpos em busca das marcas. Foram feitas posteriormente várias pesquisas envolvendo outros tipos de mamíferos como elefantes,

golfinhos e baleias (até agora os únicos a se reconhecerem no espelho), os quais se reconhecem como imagem, enquanto outros como saguis, cães e crianças muito pequenas não se reconhecem. Estabeleceu-se, dessa forma, um limiar de complexidade cerebral até então apenas disponível aos humanos à chamada consciência de si mesmos. (Não é nossa intenção estabelecer as diferenças gigantescas acerca da consciência humana e animal, mas tão somente indicar que muitos animais podem não estar distanciados qualitativamente dos humanos).

Mais recentemente, De Wall (2000) investigou a forma como primatas como macaco-prego (nem tão complexos do ponto de vista comportamental) se apresentam em situações experimentais de avaliação das manifestações emocionais. Num experimento elegante, os pesquisadores colocam uma prancha móvel com comida, adjacente ao recinto dos macacos, os quais rapidamente esticam seus braços e pegam o alimento; numa etapa posterior, os animais são instados a puxar com uma corda a plataforma para que possam ter acesso à comida, o que eles fazem com grande facilidade. Numa etapa de maior complexidade, dois primatas precisam puxar a corda simultaneamente (se apenas um puxar, a plataforma não desliza) para ter acesso à comida. Também nessa etapa os animais desempenham as ações esperadas de forma muito eficiente. Então, numa fase mais elaborada, dois macacos devem puxar a plataforma com as cordas, mas apenas um animal tem acesso ao alimento. Nestas circunstâncias, estabelece-se um dilema moral: dividir o butim com seu companheiro de trabalho ou ficar com toda a comida? Alguns dividem e outros simplesmente devoram todo o alimento disponível, o que produz reações de inconformismo no colaborador não atendido. Experiências posteriores no mesmo equipamento demonstram que os animais enganados reconhecem individualmente os trapaceiros (que não dividem) e os colaboradores (que dividem a comida), agindo de maneira diferencial, ajudando apenas aqueles reconhecidos como colaboradores.

Nestes experimentos de grande significado teórico e relativa simplicidade metodológica poder-se-ia dizer que o macaco-prego tem uma representação das intenções e comportamentos do outro antes de sua manifestação objetiva. Poderíamos dizer que tais animais apresentam rudimentos de uma *teoria da mente* acerca do comportamento do outro, antecipando suas ações.

Num outro estudo, realizado por Brosnan e De Waal (2003), investigou-se a questão da recompensa diferencial para uma mesma tarefa. Nesse caso, dois macacos-prego foram treinados a receber uma pedra num canto de seu recinto e devolvê-la ao pesquisador por uma abertura específica. A essa ação o animal recebia uma recompensa alimentar. Tal atividade era realizada com desenvoltura pelos animais depois de um breve treinamento inicial. A questão subjetiva posta é referente ao caso de quando um dos animais recebe por sua tarefa uma fatia de pepino (que eles não gostam muito) enquanto o animal da gaiola ao lado recebe uma uva (que eles adoram). As reações do indivíduo recompensado com pepino são muito contundentes evidenciando frustração e posteriormente raiva, a ponto de deixar de responder, sacudir as grades e mesmo atirar a fatia de pepino em direção ao experimentador. O que se pode dizer acerca desse comportamento tão conspícuo? O que sente um macaco que recebe uma recompensa menos atrativa do que outro indivíduo no recinto ao lado?

Quando tal experimento foi publicado não faltaram comentários na imprensa acerca do sentimento de equidade demonstrado em primatas, numa analogia evidente com seres humanos comedores de pepino num mundo com uvas disponíveis para poucos. Seriam reações de inveja? Ciúme? Injustiça? Talvez nunca saibamos, mas o que existe de certo é que esses macacos-prego apresentaram uma resposta emocional muito evidente.

Nesses casos os pesquisadores só podem inferir as emoções dos animais, observando os comportamentos e contexto em que são apresentados. As diferenças das manifestações diferem sobremaneira entre os diversos grupos taxonômicos, portanto essa análise pormenorizada é absolutamente fundamental. Podemos considerar que os comportamentos do macaco-prego podem evidenciar aspectos de um comportamento relativamente complexo de colaboração com suas devidas consequências, entretanto poder-se-ia falar em empatia? Ou mesmo altruísmo?

De Waal (2007) relata uma situação peculiar na qual uma fêmea de bonobo (chamada Panbanisha) estava em tratamento médico e, nestas circunstâncias, recebia um atendimento especial, com uma dieta mais abundante em uvas passas e leite adicional, além de sua ração habitual. O que se verificava era que, quando recebia sua alimentação, em um recinto próximo ao de outros bonobos, ela se mostrava evidentemente incomo-

dada, mesmo com a situação lhe sendo favorável, com os olhares de seus companheiros, que, claramente, demonstravam interesse em receber as guloseimas dadas à convalescente. Pedia suco, mas quando o suco chegava, ao invés de tomá-lo Panbanisha gesticulava para os outros, agitando os braços e vocalizando para eles. O autor relata a nítida impressão de que Panbanisha queria que se trouxessem aos outros o mesmo que ela estava ganhando.

No que diz respeito à empatia, Ades (1997, p. 153) diz:

Sentir empatia não é necessariamente projetar seu próprio sentimento no outro, nem sentir-se como sentiria se estivesse no lugar do outro. Significa também, a tentativa de compreender o outro em seu próprio contexto, mesmo que seu sentimento seja muito diferente do nosso e, na essência inatingível. Essa compreensão e este respeito não são importantes apenas como parte de nossa atitude, quando optamos por estudar animais: permitem que criemos modos de interação com os animais e que possamos cuidar deles de forma apropriada.

As evidências apresentadas nas páginas anteriores revelam um mundo subjetivo muito mais amplo e complexo nos animais do que se imaginava ou se admitia até poucas décadas. Entretanto cada vez mais frequentemente os cientistas passam a admitir e investigar, mesmo que a partir da sua perspectiva humana o universo das emoções nos animais. Os estudos sistemáticos e detalhados do comportamento natural, associado com experimentos criativos nos proporciona uma perspectiva mais próxima entre humanos e animais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se falar sobre diferenças entre o ser humano e outros animais, verifica-se que o homem sempre foi colocado em um patamar diferenciado, buscando-se, ao longo da história da ciência, diferenças qualitativas que nos diferenciassem dos bichos. Dizia-se que o homem era o único animal a usar ferramentas, mas essa suposta diferença caiu por terra com os estudos sistemáticos de Jane Goodall (1990) com os chimpanzés de Gombe. A pesquisadora empreendeu estudos sistemáticos acerca do comportamento natural desses grandes símios, estabelecendo novas

diretrizes teóricas e metodológicas na ciência da observação. Dizia-se, então, que, apesar de usar ferramentas, os primatas não o fariam de forma premeditada, utilizando tão somente materiais que estivessem ao seu alcance imediato. Tal suposição foi falseada por situações em que macacos podem preparar instrumentos coletando ramos e retirando as folhas para que pudessem ser usados na “pesca” de cupins a centenas de metros de distância. Nesses casos o chimpanzé enfia o graveto pela abertura do cupinzeiro e os insetos aderidos na haste são levados à boca e devorados. Animais jovens ao observar a conduta dos adultos passam a realizar o mesmo tipo de comportamento caracterizando-se o que se poderia chamar de transmissão cultural rudimentar.

Outra suposta diferença entre o ser humano e os demais animais apresentada por muito tempo era a questão da autoconsciência. Seres humanos seriam os únicos a ter noção de sua própria existência. Estudos demonstraram (GALLUP, 1982) que os primatas não humanos podem ter consciência de si próprios e reconhecer sua imagem refletida num espelho como uma representação deles próprios e não outro animal.

Pois bem, diziam os céticos a respeito das capacidades emocionais cognitivas de primatas não humanos, mas linguagem é uma especificidade humana. De fato, as primeiras iniciativas de ensinar chimpanzés a falar foram frustrantes. Duas únicas palavras foram conseguidas à custa de muito esforço: mãe (*mom*) e xícara (*cup*). As coisas só mudaram de figura ao se atentar que a falta de fala poderia ser um problema anatômico do aparelho fonador e não uma limitação cognitiva. Com efeito, o casal Gardner e Gardner (1969) conseguiu ensinar a Linguagem Americana de Sinais a vários chimpanzés, proporcionando um vocabulário de centenas de palavras. Evidenciou-se que não era um caso de simples repetição, mas sim de uso racional da linguagem respondendo perguntas, solicitando coisas e apresentando criatividade como na situação em que Washoe (uma das participantes), ao ver um cisne, cunhou o termo “pássaro água” (ADES, 1997).

Aparentemente, a última barreira aventada por cientistas diz respeito ao mundo psicológico dos animais no que tange à capacidade de raciocínio. Durante muito tempo dizia-se que os animais agiriam tão somente por instinto e que apenas os humanos seriam racionais. Os estudos de Kohler (1929) demonstraram há muito tempo que os animais pensam e resolvem problemas de forma racional. Pesquisas mais recentes demonstraram que outros primatas, inclusive macacos-prego podem apresentar

manifestações de altruísmo e colaboração, sentimento de equidade além de outras manifestações tidas como exclusivamente humanas.

Na verdade, pode-se dizer que os animais apresentam comportamentos similares aos comportamentos humanos tanto naquilo que eles têm de melhor como no que têm de pior, apresentando mentiras, assassinato premeditado, infanticídio e estupro (WRANGHAM, 1998).

Não se trata de se defender uma posição igualitária entre os primatas, envolvendo seres humanos e macacos. De fato, evidenciam-se diferenças enormes em seus repertórios comportamentais e cognitivos. Trata-se, entretanto, de diferenças eminentemente quantitativas, que dizem respeito mais ao nível de complexidade do que de barreiras qualitativas intransponíveis.

Aparentemente, depois de tantas décadas, estamos nos aproximando mais e mais do que pronunciava Darwin sobre as emoções e sentimentos dos animais. A pesquisa nessa área de conhecimento é profícua e instigante (daí o seu grande impacto na mídia). Não se trata apenas de acumular mais informações. Trata-se, dentre outras coisas, da nossa posição no mundo.

REFERÊNCIAS

ADES, C. *Memória e instinto no comportamento de predação da aranha argiope argentata*. 1991. Tese (Livre-docência) - Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1991.

ADES, C. O morcego, outros bichos e a questão da consciência animal. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 129-157, 1997.

BEKOFF, M. *The emotional lives of animals: a leading scientist explores animal joy, sorrow, and empathy and why they matter*. Novato, CA: New World Library, 2007.

BROSNAN, S. F.; WAAL, F. B. M. Monkeys reject unequal pay. *Nature*, London, v. 425, n. 6955, p. 297-299, Sept. 2003.

CUNHA, W. H. A. *Explorações no mundo psicológico das formigas*. São Paulo: Ática, 1980.

CUNHA, W. H. A. On the panic reactions of anta to a crushed conspecific: a contribution to a psychology of fear. *Revista de Etologia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 133-140, 2004.

- DARWIN, C. *A origem do homem e a seleção sexual*. São Paulo: Hemus, 1982.
- DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Hemus, 1981.
- DE WAAL, F. B. M. Attitudinal reciprocity in food sharing among brown capuchins. *Animal Behaviour*, London, v. 60, n. 2, p. 253-261, Aug. 2000.
- DE WAAL, F. B. M. *Eu, primata: porque somos como somos*. São Paulo: Schwarcz, 2007.
- DE WAAL, F. B. M. What is an animal emotion? *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 1224, n. 1, p. 191-206, Apr. 2011.
- EKMAN, P. What scientists who study emotion agree about. *Perspectives on Psychological Science*, Thousand Oaks, v. 11, n. 1, p. 31-34, 2016.
- GALLUP, G. G. Self-awareness and the emergence of mind in primates. *American Journal of Primatology*, New York, v. 2, n. 3 p. 237-248, 1982.
- GARDNER, R. A.; GARDNER, B. T. Teaching sign language to a chimpanzee. *Science*, Washington, v. 165, n. 3894, p. 664-672, Aug. 1969.
- GOODALL, J. *Through the window: 30 years observing the gombe chimpanzees*. London, UK: Weidenfeld and Nocholson, 1990.
- HOSHINO, K. Emoções. In: YAMAMOTO, M. E.; VOLPATO, G. L. *Comportamento animal*. Natal: Ed. da UFRN, 2007. p. 201-224.
- KOHLER, W. *Gestalt psychology: an introduction to new concepts in modern psychology*. New York: Mentor Books, 1929.
- MOSS, C. *Elephant memories: thirteen years in the life of an elephant family*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- OTTA, E. Reflections on a footnote: implications for the study of emotions in animals. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 286-295, May/Aug. 2015.
- PANKSEPP, J. A.; BIVEN, L. *The archaeology of mind: neuroevolutionary origins of human emotions*. New York: W. W. Norton and Company, 2012. (Norton Series on Interpersonal Neurobiology).
- RYDER, R. D. *Animal revolution: changing attitudes towards speciesism*. Oxford, UK: Blakwell, 1989.
- RYDER, R. D. Speciesism revisited. *Think: Journal of Cambridge University Press*, London, v. 2, n. 6 p. 83-92, Jul. 2004.
- WRANGHAM, R. W. *O macho demoníaco*. São Paulo: Objetiva, 1998.